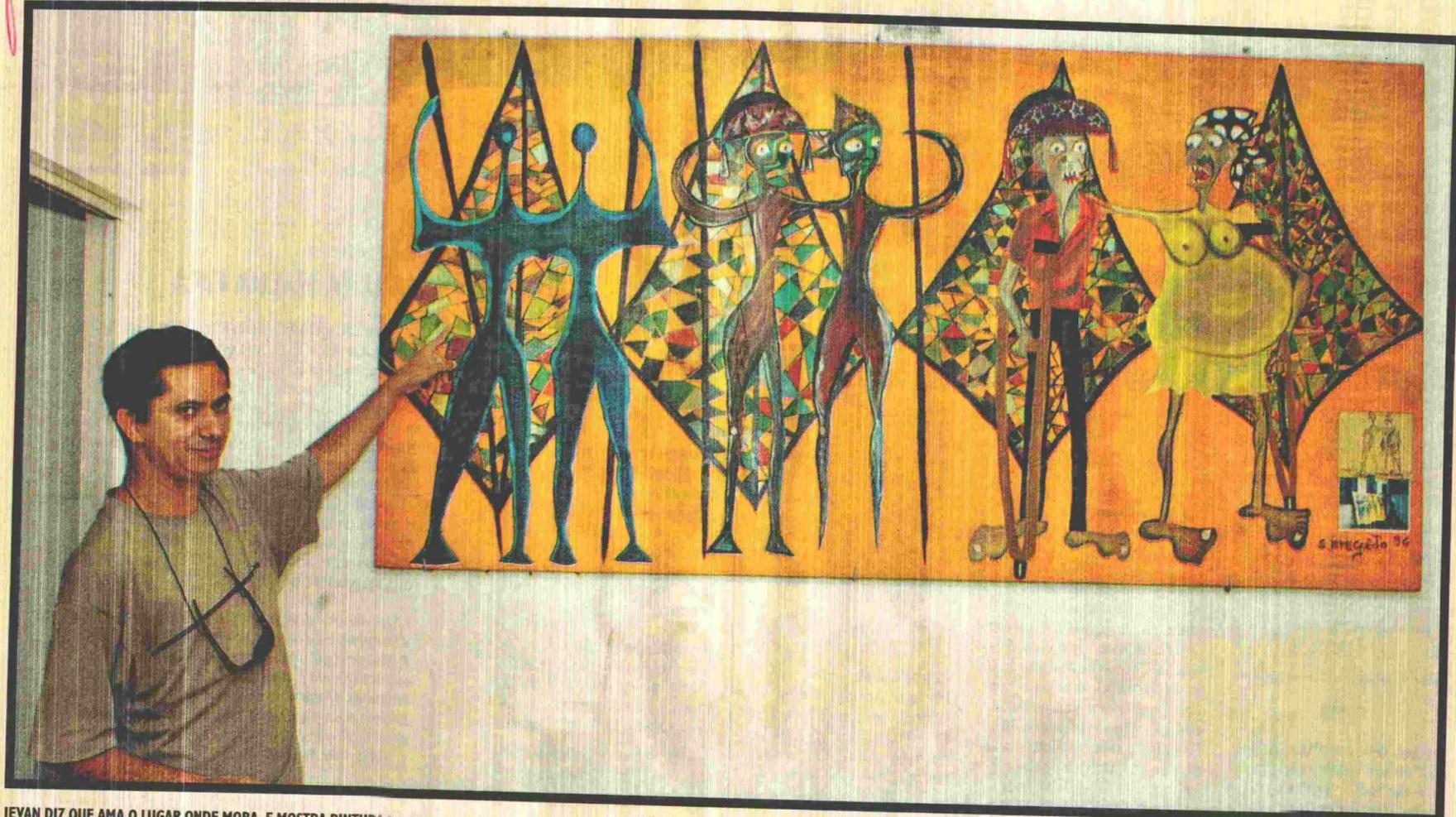


Adauto Cruz/CB



JEVAN DIZ QUE AMA O LUGAR ONDE MORA, E MOSTRA PINTURA DE CANDANGOS COM MULETAS NO LUGAR DE LANÇAS, EM ALUSÃO À EXCLUSÃO SOCIAL DOS NORDESTINOS: "NÃO SOMOS INVASORES, MAS OS CONSTRUTORES DA CIDADE"

# Tintim, Ceilândia

Começam as festividades do 35º aniversário da maior cidade do DF, surgida de um programa criado para erradicar favelas. Traços da cultura nordestina predominam nos costumes da população local

PABLO REBELLO  
DA EQUIPE DO CORREIO

A bandeira azul da cidade tremula ao ritmo do vento em frente à Casa da Memória Viva de Ceilândia. Lá, vive o professor Manoel Jevan, 42 anos, nordestino de São Gonçalo dos Inhamuns (CE) e apaixonado pelo local onde mora. Pelas paredes da casa, ele mostra as histórias, poesias e curiosidades da cidade e de seus habitantes. Na próxima segunda-feira, Ceilândia comemora 35 anos de existência, mas a data não significa nada para o professor. "Faço minha comemoração no dia 21 de abril, em homenagem à primeira mulher com o nome de Brasília nascida em 1960", explicou. Ele se nega a comemorar o aniversário na data convencional por acreditar que ela representa só a transferência de 14,6 mil famílias para a área que viria a ser conhecida como Ceilândia.

A história da cidade começou em 1971, quando o governador Hélio Prates promoveu a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI) no DF. Juntou-se o *lândia* à sigla CEI e nasceu Ceilândia, que desde o começo carrega no próprio nome o estigma de ser a irmã pobre de Brasília. "Para mim, o CEI tem um outro significado: *Candangos Esquecidos Incansáveis*. Porque não somos invasores de Brasília, mas os construtores da cidade", afirma Jevan. Em uma das paredes da casa, a escultura dos dois candangos existente na Praça dos Três Poderes é representada por uma pintura que mostra dois nordestinos usando muletas no lugar de lanças. "Essa obra de arte representa dois momentos: o primeiro, quando os candangos eram considerados guerreiros, e o segundo, quando se tornaram excluídos, com a conclusão das obras da capital", relatou.

E Ceilândia deve muito à cultura nordestina. Dos primeiros habitantes da cidade, mais de 80% eram nordestinos. Oscar Niemeyer planejou a Casa do Cantador, em Ceilândia Sul, na forma de uma asa branca, símbolo dos retirantes do Nordeste. As feiras, tão características daquela região do país, se espalham pela cidade. Bancas são passadas de pai para filho, como a de Francisco Pinho, 37 anos. Ele herdou a banca do pai e vende comidas típicas do Nordeste, como mocotó, sarapatel e dobradinha, na Feira Central de Ceilândia. "Gosto muito daqui, mas a

cidade tem alguns problemas. É preciso resolver a questão da violência, fazer uma reforma nos colégios e tirar as crianças da rua. Também falta lazer", reclama. "Podia ter pelo menos uma sala de cinema", opina.

O presidente da Associação dos Feirantes da Feira Central, Francisco das Chagas Nogueira, 58 anos, é um dos fundadores de Ceilândia e acompanhou toda a história da cidade. "Adoro isso aqui. Não troco por nenhuma outra cidade do Distrito Federal", confessa. Além dele, os 10 irmãos e o pai trabalham na feira. "Lembro-me de quando tudo começou. As bancas ficavam no meio da terra e não passavam de 60. Hoje, são 460 e temos toda a estrutura necessária para o comércio", compara.

## Carnaval ajudou

Segundo o administrador de Ceilândia, Rogério Rosso, o preconceito atrapalhou o desenvolvimento da cidade. "Muitos investimentos deixaram de vir para cá por causa do estigma de cidade violenta. Nesse ponto, o carnaval ajudou a melhorar a imagem do lugar. As poucas ocorrências registradas pela polícia nos dois anos em que a cidade sediou o carnaval garantiram ao mercado a segurança para investir aqui", explica. "Depois do carnaval, empresas comerciais atacadas e agroindústrias passaram a investir mais na cidade, assim como supermercados de grande porte. O Serviço Social do Comércio (Sesc) instalou um centro aberto a toda a comunidade. Todos esses pontos demonstram a mudança de imagem pela qual Ceilândia passa". No dia 30 de março, a cidade ganhará como presente de aniversário a primeira estação de metrô. O Governo do Distrito Federal também prepara um pacote de obras a serem iniciadas em breve.

Mesmo com todas as mudanças que foram feitas, Rosso admite que a cidade ainda tem muitos problemas. "Existe uma necessidade grande de se resolver questões de espaço urbano – para a atração de empresas –, de transporte público, de habitações irregulares e de educação superior", enumera. Rosso diz ter conversado com o reitor da Universidade de Brasília, Timothy Mulholland, sobre a necessidade de se instalar um campus avançado em Ceilândia. "Um projeto a respeito disso deve ser iniciado ainda este ano", informa.

## PROGRAMAÇÃO FESTIVA

### HOJE

Shows com as bandas Os Kaipyras, Quero Mais e Cuscuz do Cerrado, e barracas com comidas típicas. Local: área de shows entre a Administração e o Fórum de Ceilândia Sul. Início: 20h

### AMANHÃ

Missa de ação de graças, às 19h, na Paróquia São Francisco de Assis (EQNM 07/09, Ceilândia Sul)

Shows com as bandas Karisma, Conexão do Reggae e Mitiê do Brasil, e barracas com comidas típicas. Local: área de shows entre a Administração e o Fórum de Ceilândia Sul. Início: 20h

II Copa de Artes Marciais no Sesi de Ceilândia. Início: 9h

### SEGUNDA-FEIRA

Sessão solene da Câmara Legislativa do DF e corte do bolo de aniversário no auditório da Administração Regional de Ceilândia, às 10h

Comemoração do Dia do Circo e do aniversário de Ceilândia na área de shows ao lado da Administração Regional, às 10h

Shows com as bandas Forrozão Nega Maluka e Calcinha Preta, barracas com comidas típicas e shows pirotécnicos. Local: área de shows entre a administração e o Fórum de Ceilândia Sul. Início: 20h.